



CARTOGRAFIA COM CRIANÇAS: lógicas e autorias infantis

Jader Janer Moreira Lopes
jjanergeo@gmail.com

Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus Universitário, Bairro São Pedro. Juiz de Fora/MG. CEP 36036-900

Marisol Barenco de Mello
sol.barenco@gmail.com

Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço: Rua Miguel de Frias, 9. Icaraí. CEP 24220-900. Niterói/RJ

RESUMO

Esse artigo tem como o tema a Cartografia com as crianças. Busca, a partir de diversos argumentos, dialogar com as lógicas e autorias infantis, evidenciando suas formas singulares de ser e estar no mundo, além de suas inserções na cultura cartográfica. Dialoga com os princípios da Teoria Histórico-cultural (de Vigotski e colaboradores) e com os postulados da filosofia da linguagem de Bakhtin e seu círculo.

PALAVRAS-CHAVE

Cartografia com. Crianças e infâncias. Cultura cartográfica.

CARTOGRAFÍA CON NIÑOS: lógicas y autorías infantiles

RESUMEN

Este artículo tiene como tema la Cartografía con niños; busca a partir de diversos argumentos dialogar con las lógicas y autorías infantiles, evidenciando sus formas de ser y estar en el mundo, además de sus inserciones en la cultura cartográfica. Dialoga con los principios de la Teoría Histórico - Cultural (de Vigotski y colaboradores) y con los postulados de la filosofía del lenguaje de Bakhtin y su círculo.

PALABRAS CLAVE

Cartografía con. Niños e infancias. Cultura cartográfica.

Introdução

Começamos com um lugar: uma unidade federal de Educação Infantil, carinhosamente chamada de Creche UFF, localizada na universidade de mesmo nome.



Figura 1 - Creche UFF
Fonte: Acervo GRUPEGI/ATOS

Nesse espaço um acontecimento:

O que levam fantasmas a estarem presentes em um espaço de crianças de 3 a 5 anos? Para as crianças daquela instituição alguns trabalhos estragados e arrancados das paredes eram evidências que eles estiveram ali naquela noite. Outras afirmavam que eles deveriam ter vindo para observarem os trabalhos expostos no hall de entrada e em outros cantos da creche. Não havia muito consenso entre as crianças, mas apenas uma certeza: os fantasmas passaram por lá aquela noite.

Além dessa certeza, outra: eles sabiam por onde eles tinham passado. Por isso resolveram fazer um mapa dos caminhos que eles tinham feito lá dentro. E com um grande papel pardo, que foi colocado no chão, as crianças, em seu entorno, começaram a traçar desenhos, pontilhados que descreviam seus trajetos, mas também desenharam os próprios fantasmas.¹

Nesse acontecimento um mapa:



Figura 2 - Pedaco de mapa com o trajeto por onde passaram os fantasmas.
Fonte: Acervo GRUPEGI/ATOS

¹ O trecho em itálico é oriundo de *Notas de Campo* dos grupos de pesquisa dos autores, produzidas no ano de 2015.

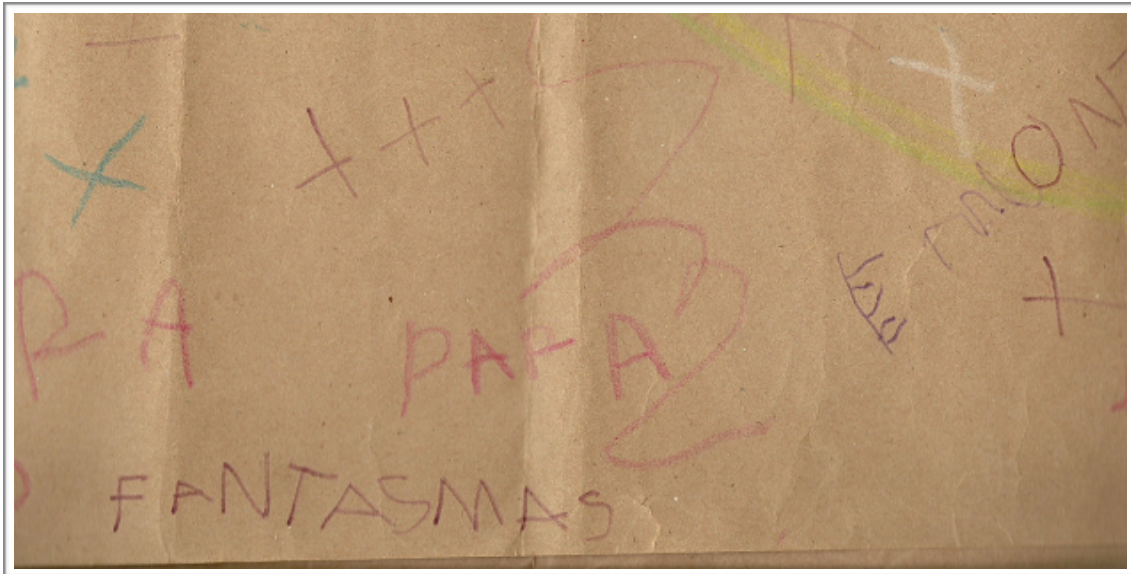


Figura 3 - Mapa com marcação: o "X" são os locais onde os fantasmas foram avistados pelas crianças

Fonte: Acervo GRUPEGI/ATOS

Cartografia com crianças: esse é o tema de nosso trabalho, um cronotopo onde podemos pensar a infância, as crianças concretas e os processos sociais de que participam. Não estamos sós. Além de professores e pesquisadores com quem dialogamos, temos conosco em franco diálogo autores, em sua maioria, russos. Do círculo bakhtiniano, conversamos principalmente com Bakhtin, Voloshínov e Medviédev. Suas buscas pelo "humano do homem" na linguagem os levaram a discussões éticas, estéticas e cognitivas, primando pelo entendimento do ser humano como ser expressivo e falante, que se torna humano nessas relações dialógicas bifrontes: na vida e na história dos gêneros discursivos. Os conceitos centrais que trazemos para nossas leituras da capacidade enunciativa cartográfica das crianças são as noções de Cronotopo, Enunciado, Polifonia, Ato responsivo, Amorização. Do grupo de Vigotski conversamos com o próprio, em muitas redescobertas, devido às inúmeras viradas ideológicas que nos colocam, a cada vez, diante de um Vigotski outro. No momento atual, graças às traduções recentes, destacamos alguns conceitos centrais, como *Perejivanie* (Vivência), *Tvortcheskaia Pererabotka* (Reelaboração Criadora), Atividade Criadora das Crianças, Zona de Desenvolvimento Iminente, Enraizamento.

Este presente texto é uma tentativa de pensar relações de criação e autoria infantil, a partir de alguns argumentos centrais, buscando caracterizar a atividade criadora das crianças, em diferentes contextos, como enunciados construídos no coletivo das relações sociais na cultura, entre pares e adultos, que tanto criam o mundo quando

criam as próprias formas de ser das crianças. Buscamos primordialmente as pistas para a construção de espaços educativos onde crianças pequenas possam, no gênero cartográfico, enunciar a vida desde seus próprios atos responsivos.

Partimos de alguns argumentos de base, que nos guiam em nossa leitura das vivências infantis. São eles:

Argumentos (1)

- O espaço, bem como o tempo, são categorias fundamentais da existência e vivência humana;
- Habitamos um espaço, mas, muitas vezes, somos cegos a sua existência;
- Reconhecemos que as crianças possuem uma linguagem espacial, uma memória espacial, uma vivência espacial, e que a atividade criadora das crianças é também uma atividade espacial.

Um dos conceitos centrais para Bakhtin foi construído ao longo de seu trabalho, na interação entre a filosofia de Kant e os aportes do materialismo histórico, mas em uma abordagem totalmente nova e original: o cronotopo. Bakhtin dedicará boa parte de seu trabalho na construção de uma base teórico-metodológica para compreender o ser humano como ser expressivo e falante orientado para a vida concreta, historicamente situada. Essa construção se faz ver em muitos textos em todo o seu trabalho, mas podemos destacar principalmente textos como *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, *O Autor e a Personagem na Atividade Estética*, *Formas de Tempo e de Cronotopo no Romance, Epos e Romance*, dentre outros. O que se desenha, nesse percurso de pensamento de Bakhtin, é a possibilidade da compreensão do ser humano em ato, ato esse que é enunciado em resposta a outro enunciado, portanto ser humano como um ser-evento no ato responsivo. Esse ato responsivo é descrito, por Bakhtin, em sua arquitetura concreta, na vida, e constituem seus momentos o eu-para-mim, o eu-para-o-outro, e o outro-para-mim. Essa a unidade mínima do humano no homem. Esse ato é sempre ideologicamente dirigido em resposta a um enunciado que anteriormente o convocou, portanto, sempre axiologicamente orientado.

O projeto de Bakhtin, expresso em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, é a construção de uma filosofia humana orientada para a vida, uma filosofia da vida, uma filosofia ética. Leitor privilegiado de Kant, Bakhtin expressa sua referência a Estética Transcendental em uma nota de rodapé na introdução do conjunto de textos intitulados

Formas de Tempo e de Cronotopo no Romance (Ensaio de poética histórica). Ele diz, na nota:

Na sua “Estética Transcendental” (uma das partes básicas da *Crítica da Razão Pura*) Kant define o espaço e o tempo como formas indispensáveis de qualquer conhecimento, partindo de percepções e representações elementares. Tomamos a apreciação de Kant do significado destas formas no processo de conhecimento, mas nós as compreendemos, diferentemente de Kant, não como “transcendentais”, mas como formas da própria realidade efetiva. Tentaremos revelar o papel destas formas no processo de conhecimento artístico concreto (visão artística) nas condições do gênero romance. (BAKHTIN, 2002, p. 212).

Essa declaração de Bakhtin (endossada mais tarde nas entrevistas a Duvakin) de referenciar-se nas noções de Kant esclarece a construção da noção de cronotopo. Esta aparece duas vezes. Primeiro, referida à arquitetura do ato responsável, na parte primeira do texto, em que aplica a ideia de arquitetura do ato à leitura do poema *Raszula*, de Puchkin. Segundo, no texto referido acima, de onde extraímos a nota, onde Bakhtin realiza os ensaios de poética histórica tendo como unidade de análise o cronotopo. O que seria esse conceito? Entendemos que seria a própria definição do ato responsivo humano, que seria composto de elementos espaciais e temporais valorados, os sistemas axiológicos presentes em toda obra desse autor.

Aqui o que estamos a dizer é que o cronotopo é a própria matéria com a qual o ser humano, de forma única e irrepetível, e no encontro com o outro, age. Nesse processo, que é correlato à noção de enunciado (pois o ato é enunciado), o ser humano cria a si e ao mundo no mesmo ato. Todo enunciado é, portanto, um ato de autoria (elaboração criativa, como para Vigotski), formado de elementos espaciais, temporais e valorativos, dirigidos em resposta ao outro (que pode ou não ser um outro real imediato). É com elementos espaciais que criamos e nos criamos, no encontro com os outros, no mundo.

O conceito de cronotopo de Bakhtin, apesar de apontar para um arranjo indissociável entre espaço e tempo apresenta um diferencial entre as noções clássicas desse encontro, pois evidencia que qualquer evento tem que ser compreendido em seu involucro histórico, mas sem deixar de lado o seu aporte geográfico, pois esse equilíbrio rompe com o viés da finitude e acabamento das criações sociais. Uma instituição de educação infantil, por exemplo, tem um nascimento na história humana em dado momento, portanto, apresenta uma temporalidade (ou o grande tempo), mas essa temporalidade tem que ser compreendida na composição com os espaços onde essas se materializam, pois isso permite compreender as diferenças que forjam a cultura

humanas, todos seus acontecimentos e artefatos. O mesmo acontece com os mapas, com a cartografia, com os textos, livros e tudo mais. A perenidade da cultura só pode ser compreendida nesse fractal, pois se não estaríamos eternamente em um romance grego.

Esses conceitos bakhtinianos se aproximam sobremaneira de aportes vigotskianos, principalmente destacamos os de vivência e de ur-wir (proto-nós). Para Vigotski (obras diversas) o nascimento de uma criança se dá no decurso de um espaço e tempo que já preexiste. Um tempo que é histórico e um espaço que é geográfico, pois faz parte da historicidade e geograficidade humana. Nenhum bebê nasce, assim, em um vazio social e seu nascimento marcaria um encontro geracional (entre pessoas) e cronotópico, pois o que seria o momento final de uma história vivida (o evento novo singulariza essa situação) é ao mesmo tempo a gênese de uma outra história. Nessa composição emerge o processo de desenvolvimento e humanização.

É, a partir desse olhar, que Vigotski (2010) constrói um dos seus principais postulados:

as funções psicológicas superiores da criança, as propriedades superiores específicas ao homem, surgem a princípio como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de cooperação com outras pessoas, e apenas posteriormente elas se tornam funções interiores individuais da própria criança. (s/p).

Para exemplificar essa afirmação, Vigotski (idem) apoia-se no surgimento da fala interior, em suas palavras:

Inicialmente, a fala para a criança consiste num meio de contato entre as pessoas, apresenta-se em sua função social, em seu papel social. Mas, pouco a pouco, a criança aprende a aplicar a fala para servir a si própria, aos seus processos internos. Logo, a fala já se torna não apenas um meio de contato com as pessoas, mas também um meio de raciocínio interior à própria criança. Então, isso já não será aquela fala que pode ser ouvida, que nós empregamos quando nos dirigimos uns aos outros, mas será uma fala interior, calada, muda. Mas, enquanto um meio de raciocínio, a fala surgiu a partir de quê? Da fala enquanto um meio de contato. Da ação exterior que se dava entre a criança e as pessoas ao redor, surgia uma das mais importantes funções interiores, sem as quais o raciocínio da própria pessoa seria impossível. Esse exemplo ilustra essa posição em geral, no que diz respeito à compreensão do meio como uma fonte de desenvolvimento. No meio existe uma forma ideal ou final que interage com a forma primária da criança e, em resultado, uma dada forma de ação se torna uma aquisição interna da criança, torna-se dela própria, torna-se uma função de sua personalidade.

O meio seria, assim, a base material e simbólica de onde parte o nosso desenvolvimento, mas não em uma condição passiva, sempre em sua dimensão criadora (por isso o conceito de reelaboração criadora é um outro pilar central da teoria histórico-cultural). Vigotski encontra no humano a potência para ir sempre além de si mesmo, algo

possível pela relação de alteridade, e consolidado na sua clássica expressão zona de desenvolvimento iminente. O que é significativo não é apenas a condição humana que já existe, mas a sua constante condição de ser, de criar o novo, o inexistente e com isso, se recriar, possível no encontro com o outro.

Entretanto, esses elementos criativos/criadores são o próprio material do ato, e na maioria das vezes são como que “invisíveis” para o ser humano no ato responsivo. Seria possível “ensinar” as espaço-temporalidades? Sendo uma dimensão constitutiva da própria possibilidade de ser humano, seria ela mesma passível de ser construída como conhecimento? Para Kant, não. Para nós, sim.

Argumentos (2):

- O ser humano é um ser de linguagem e forjado na linguagem, cuja consciência tem sua origem na palavra outra.

Os bebês e crianças humanas nascem num mundo de linguagem, que envolvem palavras humanas e também artefatos da cultura. Tudo no mundo humano é um signo, e um signo ideológico, socialmente compartilhado e significado. Tanto Vigotski quanto Bakhtin têm a linguagem como centro de seus projetos teóricos, e a linguagem enquanto constitutiva da própria possibilidade de ser humano, como a própria consciência. Bakhtin diz que *a consciência é a morada dos signos*, e Vigotski teoriza sobre a relação entre o pensamento e a fala na formação da consciência, das funções psicológicas superiores nos seres humanos.

Como participantes de uma formação social e intelectual que teve como base o materialismo histórico e dialético (ainda que deste se distanciassem, em alguma medida), partiram ambos os autores de uma compreensão da base cultural dos processos de desenvolvimento humanos. Tanto Bakhtin quanto Vigotski compreendem os artefatos culturais humanos como ferramentas, como relações sociais encarnadas em objetos culturais. A linguagem – fala e enunciado – se apresenta, desde essas perspectivas, como material, como ferramenta psicológica, para um, e como signo ideológico, para outro, mas para ambos como o processo central da relação eu-outro, este sim o princípio basilar da existência humana.

Assim, bebês e crianças humanas nascem em um mundo humano, nascem em um mundo onde objetos culturais produzidos pela linguagem e que são, eles mesmos, linguagens em gêneros discursivos, já se encontram presentes. Esses discursos humanos

forjados nas relações sociais se materializam em gêneros – orais e escritos – que se tornam, eles mesmos, focos perceptivos pelos quais se pode perceber a realidade (esta intangível). Livros, textos, pinturas, mapas e cartografias, dentre tantos e diversos gêneros discursivos gráficos estão no mundo, sendo utilizados como linguagens e meios, quando os bebês e as crianças humanas nascem. Costuma-se dizer, em teoria histórico-cultural, que no meio se encontram os elementos históricos/geográficos que resultam no final do desenvolvimento (isso já está dado no meio desde o início). (Vigotski, 2010)

É o humano formando o humano.

Essas linguagens, materialização em gêneros das relações sociais discursivas humanas ao longo de seu desenvolvimento histórico-cultural concreto, são espaço, tempo e valor materializado. São objetos culturais cujo uso forma pensamento sobre o mundo – espacial, temporal e axiologicamente – e cujo desenvolvimento vivo se dá na apropriação e uso pelas gerações humanas. Dupla direção, ou plano bifronte: para a vida de cada ser humano que vive e enuncia nesses gêneros, e para a própria história dos gêneros, que se atualiza no enunciado único de cada ser humano que dele se apropria.

Argumentos (3)

- Um mapa (cartografia) é reconhecido como linguagem produzida ao longo da filogênese humana.

Especificamente temos como desejo, ao reconhecer como linguagem os mapas, compreender como as crianças pequenas se envolvem com os elementos da cultura cartográfica, como essas emergem em suas vidas cotidianas, e como alargam suas visões e percepções de si e do mundo. Interessam-nos, como já expresse em textos anteriores, as formas geneticamente embrionárias dos processos de vivência dos elementos cartográficos, a gênese da criação e da atividade cartográfica autoral, que a nosso ver está na base da formação das estruturas superiores de criação e autoria, juntamente com outros diferentes textos em gêneros discursivos.

Assumimos que as crianças mobilizam essas funções em condições de coemergência no social, em vivências nas situações que se tornam as bases de enraizamento das capacidades mais tarde individualizadas. Se a consciência humana nasce relação da palavra própria com a palavra do outro, podemos dizer que a “cartografia” também é um outro alargado, que porta a dimensão de gênero. Como Bakhtin podemos dizer que as vozes que enunciam em um mapa podem ser

reconhecidas como enunciado humano. Assim entendidos, mapas são enunciados concretos que ocorrem em um gênero. Toda a história da cartografia pode ser percebida como linguagem humana, como gêneros discursivos que portam um passado histórico que o constitui e um futuro a devir. Mais que isso, como um ser-evento, cada criança que entra em contato com o mundo através desse gênero discursivo, incompleta a visão de mundo que a cartografia é portadora, abrindo os sentidos para possibilidades novas e nunca antes vivenciadas.

Por isso falamos em uma cartografia *com* as crianças. O que vimos chamando de processos infantis de generalização são, em nossa compreensão, enunciados em determinado gênero discursivo. Para nossa abordagem, uma criança vivenciando o mundo através dos mapas constitui-se como ser de linguagem e na linguagem, enraíza-se no mundo enquanto atualiza o gênero ele mesmo.

Apresentar um mapa para uma criança não é simplesmente apresentar um pedaço de papel pintado em várias cores, mas é apresentar toda a historicidade humana que ali se encerra. É um compromisso entre humanos. É apropriando-se do social que a criança se constitui como um ser cultural, é apropriando-se da linguagem cartográfica presente no social (quer em sua dimensão narrativa, escolar, tecnológica) que as crianças produzem o novo, o irrepetível, num constante inacabamento. Entendemos esse processo como a reelaboração criadora, que permite a atividade criadora das crianças e torna a história possível de ser renovada.

Assim, as lógicas infantis não são (pré)palavras, (pré)consciência, (pré)cognição. São condições de *ur-wir*, de reelaboração criadora, forças sociais que permitem a emergência do humano e da cultura humana. Os mapas para as crianças pequenas não são vividos como extensões, como motricidades, como localização e como orientação, mas como intensidade, eles são, uma das garantias da entrada da criança na cultura e em si mesmos.

E nesse jogo de palavras, chegamos ao nosso último argumento desse texto, não que outros não mereceriam estar aqui também, mas elegemos esse como fechamento por ele abordar diretamente os mapas infantis.

Argumento 4 (e aqui, o final):

- os mapas das crianças não podem ser concebidos como ilustrações em uma escala temporal, uma pré-linguagem em rumo a uma linguagem cartográfica.

Isso só pode ser imaginado se entendemos os artefatos da cultura humana como produtos acabados, sem historicidades e geograficidades, que se encerram em si mesmos e em suas fronteiras. Mas se os compreendemos como iminência, os mapas infantis se tornam mapas, fazem parte de uma existência social e como linguagem, permitem a existência cultural do e no humano, são experiências em vivências no espaço e tempo alargado de um mundo inacabado e em construção.

O mundo infantil, não é assim, um mundo de fantasia, olhar adulto sobre lógicas próprias que negamos e/ou concebemos como existentes! As crianças não habitam outro mundo diferente do nosso, constituem, sim, humanidades singulares, cronotopicamente singulares, que materializam suas vidas recriando e potencializando possibilidades perdidas –esquecidas ou negadas – por muitos. Por isso falar em cartografia com crianças é também uma escolha política, social e cultural, posiciona nossa forma de ser e estar com o outro.

Tudo isso é algo, a nosso ver, fundamental, pois se nosso olhar adulto, já não consegue ver mais fantasmas circulando pela creche, ou se os desloca para um mundo de fantasia, basta olhar o mapa criado pelas crianças, para lembrarmos da sua existência (e por que não dizer: da nossa?):



Figura 4 - Os Fantasmas
Foto: Acervo GRUPEGI/ATOS

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo : Hucitec, 1997; 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **O Freudismo: um esboço crítico**. 2 ed. São Paulo : Perspectiva, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992; 2003; São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos : Pedro & João Editores, 2010; 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5 ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. 5 ed. São Paulo : Annablume; Hucitec, 2002; 2010.
- GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe – UFSCar. **Palavras e contrapalavras: circulando pensares do Círculo de Bakhtin**. Caderno de estudos V. São Carlos : Pedro & João Editores, 2013.
- MEDVIÉDEV, Pável N. **O Método Formal nos Estudos Literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo : Contexto, 2012.
- VIGOTSKI, L.S. **Quarta aula: a questão do meio na pedagogia**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400003. Acessado em: 15/03/2017

Recebido em 15 de março de 2017.

Aceito para publicação em 18 de maio de 2017.